

## III. Teoria formal da oração

### Bibliografia Fundamental:

MIOTO, C. et al. 2013. *A Teoria X-barra*.

MIOTO, C. et al. 2013. *Teoria temática*.

RAPOSO, E. P. 1998. *A Língua como sistema de representação mental (ii)*.

### Bibliografia Complementar:

Duarte, Inês (2003): A Família das Construções Inacusativas, In M.H.M Mateus et al (eds), Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Caminho (506-548).

CHOMSKY, Noam (1995). The Minimalist Program, MIT Press, Cambridge, Mass.

CHOMSKY, Noam (1999). Derivation by Phase. In Ken Hale: A Life in Language. Edited by Michael Kenstowicz. Cambridge, MA: MIT Press, 1999/2001, pp. 1-52.

HORNSTEIN, N., NUNES, J. & GROHMANN, KK. (2005) Understanding Minimalism. 6. Case Domains. Cambridge: Cambridge UP, 111-140

NUNES, Jairo M. Minimalismo: uma entrevista com Jairo Nunes. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 6, n. 10, março de 2008. ISSN 1678-8931 [[www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br)].

## 7. Constituintes e Estrutura da sentença: A teoria X-barra

DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria (2003). Predicação e Classes de Predicadores. Em: M.H.M Mateus et al (eds), "Gramática da língua portuguesa". Capítulo 7. Lisboa:Caminho. (revisão)

MIOTO, Carlos et al. (2004). Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis, Insular. (Capítulo 2: A teoria X-barra; Capítulo 3: A teoria temática)

NEGRÃO, Esmeralda et al. (2003) Sintaxe: Explorando a estrutura da sentença. In: L. Fiorin (org), Introdução à linguística: II. Princípios de Análise. São Paulo: Contexto, pp.111-136.

### 1. "X-barra": Uma teoria para a estrutura da sentença

(1)

a) O policial viu a velha com o binóculo

a, binóculo, com, o, policial, velha, viu	⇒ [o policial] viu [a velha] [com o binóculo]
a, binóculo, com, o, policial, velha, viu	⇒ [o policial] viu [a velha [com o binóculo]]

- Sentenças "ambíguas" como [O policial viu a velha com o binóculo] nos mostram que a uma mesma sequência linear de termos podem corresponder diferentes estruturas sintagmáticas - ou seja, são um exemplo de que "*Uma sequência gramatical é muito mais do que apenas uma sequência de elementos: é, entre outras coisas, uma hierarquia de constituintes*" (Perini 2006:104).
- As teorias sintáticas têm a tarefa de descrever e explicar as *hierarquias de constituintes* que formam sequências gramaticais. Como vimos no início, a teoria gerativa entende a formação potencialmente infinita de sequências gramaticais hierarquicamente estruturadas como a característica central da linguagem humana. Essa teoria em particular, portanto, toma para si a tarefa de descrever e explicar não apenas um dado universo de sequências gramaticais, mas também o potencial de geração infinita de sequências gramaticais - algo como a "receita", ou o "algoritmo", da estruturação de constituintes.
- Uma intuição importante nesse sentido é aquela que indica que os sintagmas (i.e., as unidades mínimas da estrutura hierárquica de constituintes sintáticos) são unidades coesas do ponto de vista formal e semântico. Podemos começar a explorar um possível algoritmo de estruturação de constituintes por este ponto: como se forma uma unidade formalmente e semanticamente coesa a partir dos itens lexicais?

(1) *b* *Eu ganhei um livro de receitas de chocolate*

receitas, de, livro, chocolate, de  $\Rightarrow$  [livro [de receitas [de chocolate]]]

receitas, de, livro, chocolate, de  $\Rightarrow$  [livro [de receitas] [de chocolate]]

- Nas versões mais antigas da teoria gerativa (até a década de 70), essa pergunta era respondida pela proposta de "regras sintagmáticas", regras de escritura", que expressavam mais ou menos o que está nos exemplos acima, porém sempre buscando generalizações que pudessem ampliar a aplicação de cada regra. Ou seja: não uma regra para [livro de chocolate], mas sim uma regra para [sintagma nominal], etc. Algo assim:

(2)  $SN \Rightarrow N (SP)/(Adj)$

{gerando por exemplo: SN = N-livro SP-de chocolate; SN = N-rabo Adj-amarelo}

- Como vimos, a noção de que as concatenações sintáticas se dão hierarquicamente pela relação entre núcleos e seus complementos é fundamental para a teoria; assim, uma aproximação explicativa mais precisa para a "regra do sintagma nominal" acima seria a seguinte:

(3)  $SN \Rightarrow N, Complemento; Complemento \Rightarrow SP, Adj$

- Um segundo problema é representar a estrutura hierárquica. Até este ponto vínhamos fazendo isso com o uso de colchetes, indicando assim as relações de "continência", de modo que:

(4) O policial [viu [a velha [com o binóculo]]] = "o complemento de V é o SN [a velha com o binóculo]"

O policial [viu [a velha][com o binóculo]] = "os complementos de V são o SN [a velha] e o SP [com o binóculo]"

- Uma outra forma de representar isso é pela notação arbórea, usada também desde os princípios da teoria; uma vantagem imediata desta notação é que ela consegue expressar melhor a hierarquia e a "proeminência" categorial, de modo que:

(5) ... [Sintagma-Verbal [Verbo viu [Sintagma-Nominal a velha com o binóculo]]]

ou



- Vamos lembrar que o desenvolvimento da teoria vai no sentido de tornar as regras cada vez mais **axiomáticas**. O caminho, portanto, foi das regras particulares para cada categoria de sintagma para uma regra geral para todos os tipos de sintagma (ou seja, inclusive, para a própria sentença). Ou seja, desejamos uma teoria dos "núcleos X", e não dos núcleos "N", "V", "P", etc... - uma teoria da relação de qualquer núcleo com qualquer complemento, de modo que:

(6)

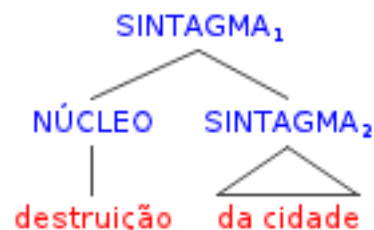
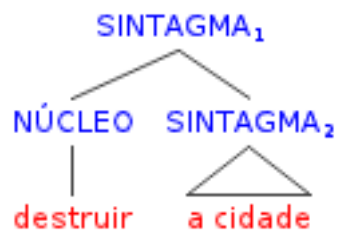
- S(intagma)N(ominal)           ⇒ N(ome), Complemento   - i.e.,   SN ⇒ N, Complemento
- S(intagma)V(erb)al           ⇒ V(erbo), Complemento   - i.e.,   SV ⇒ V, Complemento
- S(intagma)P(reposicional)   ⇒ P(reposição), Complemento   - i.e.,   SP ⇒ P, Complemento
- ... etc.

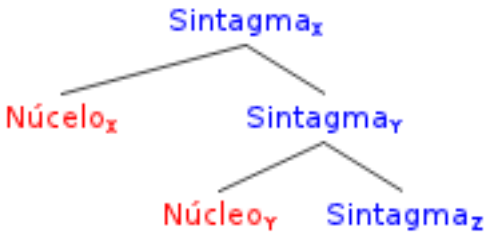
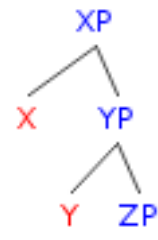
- Chegamos ao X da "teoria X-barras":

**Sintagma X ⇒ X, Complemento**

"Um sintagma de categoria X é formado pela combinação de um núcleo da categoria X com um complemento"

(7) (Intuição fundamental em Chomsky, 1970):



<p>(8)</p>  <p>(9)</p> 	<p>A generalização axiomática disso poderia ser na árvore esquemática (8), onde "X" representa o núcleo do "Sintagma-X", Y representa o núcleo do "Sintagma-Y", etc; e onde "Sintagma-Y" é o complemento de "Sintagma-X", etc:</p> <p>Nos trabalhos em teoria gerativa, convencionou-se utilizar abreviaturas para as categorias sintagmáticas, e as abreviaturas são costumeiramente feitas a partir dos nomes em inglês. Ou seja, para sintagma, Phrase; para "Sintagma X", "X Phrase", abreviado "XP" (cf. árvore esquemática (9)). Note-se que a única diferença entre (8) e (9) são os rótulos das categorias:</p>
---	---

- Note-se que as árvores esquemáticas (8) e (9) acima apresentadas representam razoavelmente a relação núcleo-complemento. Entretanto, isso não dá conta de todas as relações sintagmáticas que queremos capturar. Em especial: esta representação estrutural não dá conta de relações de complementação mais complexas, das relações de adjunção; e nem da relação que se forma entre o sujeito de uma sentença e seu predicado.

(10) O policial viu [[a velha com o binóculo] [com muita atenção]-*Adjunto* ]  
 [O policial]-*Sujeito* [viu a velha com o binóculo]

### 2.1 Outras relações

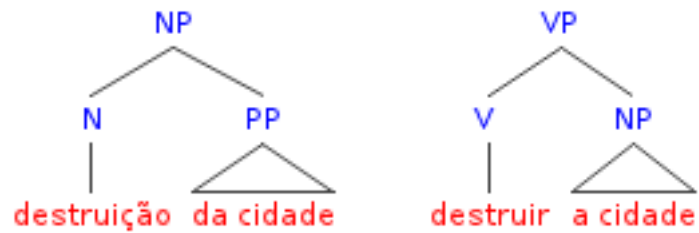
(11)

- Construção de escolas
- Compra de equipamentos
- Paralisação de atividades
- Pagamento de contas
- Poda de árvores

(12)

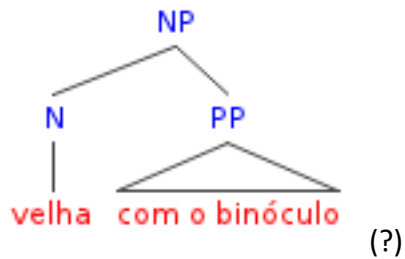
- Construir escolas é difícil
- Comprar equipamentos é difícil
- Paralisar atividades é difícil
- Pagar contas é difícil
- Podar árvores é difícil

(13) (lembrando 7)



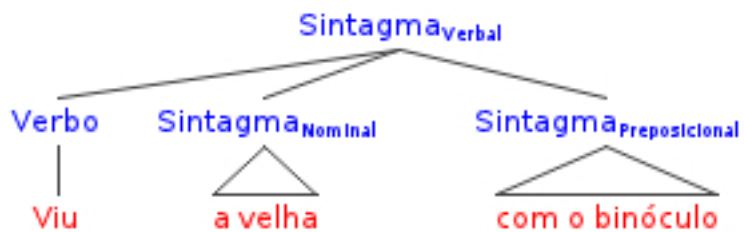
(14)

- a. Velha com o binóculo
- b. Parede com pregos



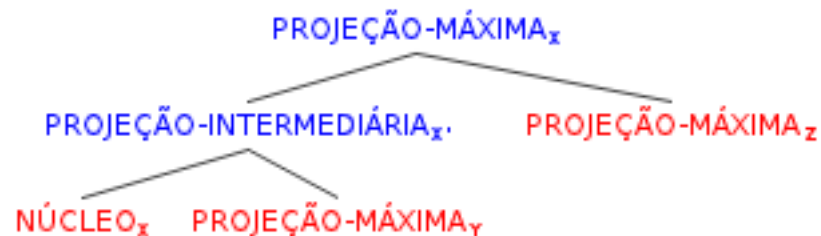
- Outro problema para esse esquema simples são as construções com duplo complemento. No início da teoria, um sintagma com núcleo verbal (i.e., um Sintagma Verbal) e dois complementos seria representado como (15):

(15) ... [[ viu [a velha] [com o binóculo]]]



- Nas versões mais recentes, postula-se que a estrutura arbórea deva ser sempre **binária** (binary branching). A composição de uma estrutura com ramos binários e duas posições de concatenação num mesmo XP, bem como a representação das relações de concatenação que parecem diferentes da complementação lexical recebe uma solução elegante pela proposta de um nível estrutural intermediário entre X e XP (i.e., entre a unidade menor, "núcleo", e a unidade maior, "Sintagma").
- Nesse esquema, o que chamávamos de "Sintagma" acima será chamado de "Projeção máxima"; e esse nível intermediário será a "Projeção intermediária":

(16)

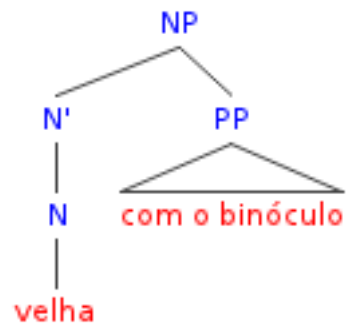


- Observemos agora a questão da denominação dessas "projeções intermediárias". Elas devem guardar todas as características categoriais (i.e., quanto ao comportamento de Nomes, Verbos, etc) da projeção máxima - afinal: elas também são projeções daquele núcleo (Nominal, Verbal, etc.). Não queremos, portanto, dar a elas um "nome" diferente. Assim, se o núcleo é X e a sua projeção máxima é XP, que nome daremos à projeção intermediária de X, para manter a idéia de que ela é uma projeção DE X, mas ainda não a máxima? Propõe-se então denominar essa projeção intermediária de X' - ou seja, X "**linha**" - o que se convencionou depois denominar "X **barra**".
- Chegamos portanto ao **Barra** da Teoria **X-Barra**: "X", pois é uma teoria axiomática; "barra"- é uma teoria que propõe níveis intermediários de projeção dos núcleos.

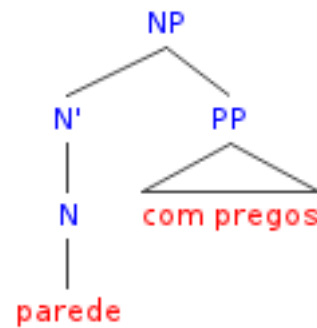
(17) [XP [X' X<sup>0</sup> [YP]]]



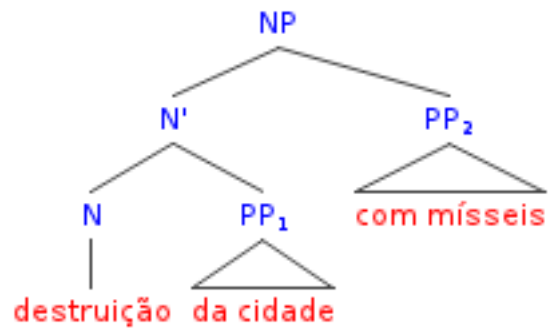
(18) (a)



(b)



(19) (a) [NP [N' [N destruição [PP da cidade ]][PP com mísseis ]]

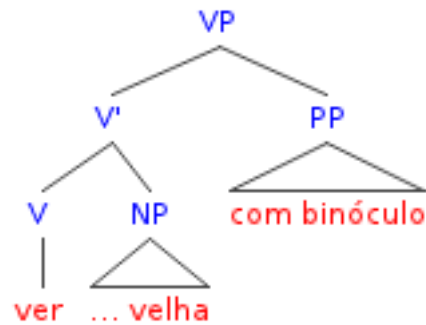


(b) [NP [N' [N destruição [PP da cidade ]]

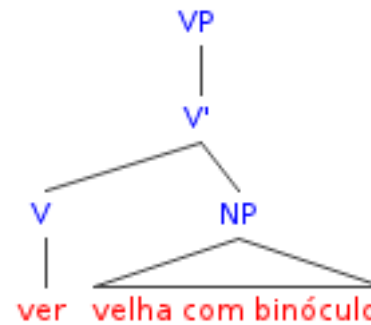




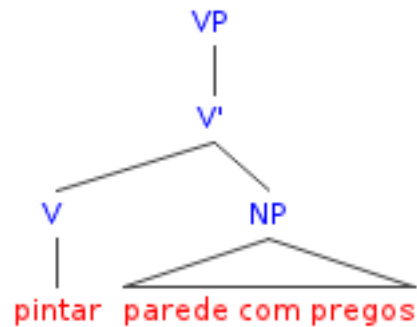
(20) (a) [VP [V' [V ver [NP a velha ]] [PP com o binóculo ]]



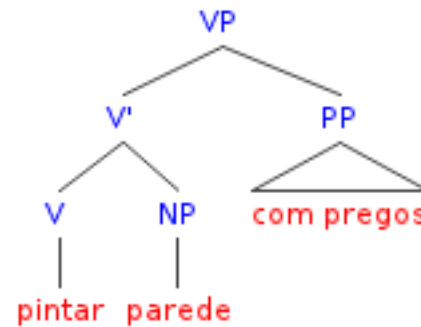
(b) [XP (...) [X' V-ver [NP a velha com o binóculo ]]]



(21) (a) [VP [V pintar [NP [N' [N parede]] [PP com pregos]]]]



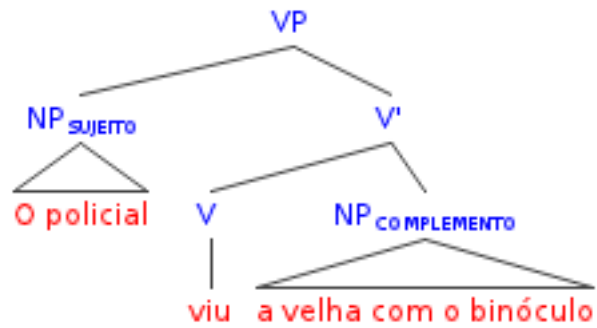
(b) [VP [V '[V pintar [NP parede]] [PP com pregos]]]



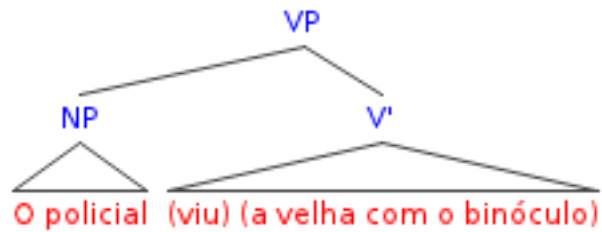
- Como sugerido acima, a projeção intermediária permitiria capturar elegantemente tanto a relação de adjunção como a relação que se estabelece entre o sujeito e o predicado.
- Para esta, foi aberta uma posição irmã de X', mas filha de XP - a posição de *especificador*. A intuição básica é que o elemento na posição de especificador estabelece uma relação não simplesmente com o núcleo, mas sim com o conjunto formado pela combinação entre núcleo e complemento (i.e, X'...) - cf. (b) abaixo. Voltaremos a isso no ponto “Teoria Temática”.

(22) [O policial]-*Sujeito* [viu a velha com o binóculo]

(a)



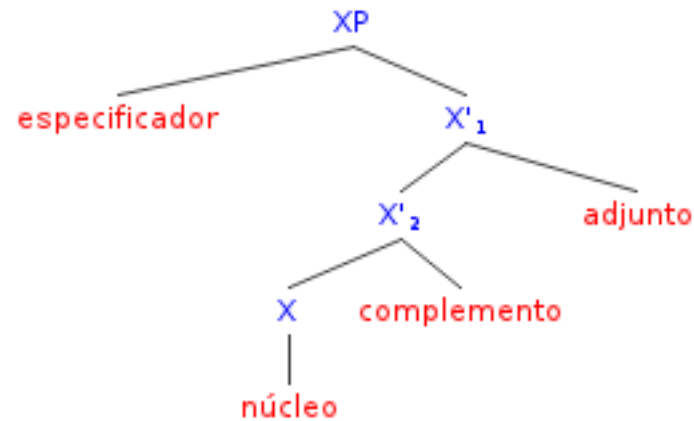
(b)



(23) Em termos axiomáticos:



Ou:



- O nível intermediário é, em princípio, uma postulação. Passa a ser tarefa do programa de pesquisa, a partir disso, demonstrar ou não sua relevância, como se vem buscando nos desenvolvimentos mais recentes da teoria (cf. Hornstein, Nunes & Grothmann 2005).
- Por fim: lembrando que a representação arbórea é apenas uma notação, podemos voltar, se necessário, à representação por colchetes, ou mesmo expressar as regras em forma de texto...

(25) [XP (sintagma especificador) [X' [X' X (sintagma complemento)] (sintagma adjunto) ]]

(26) "Princípios básicos da estrutura da sentença:

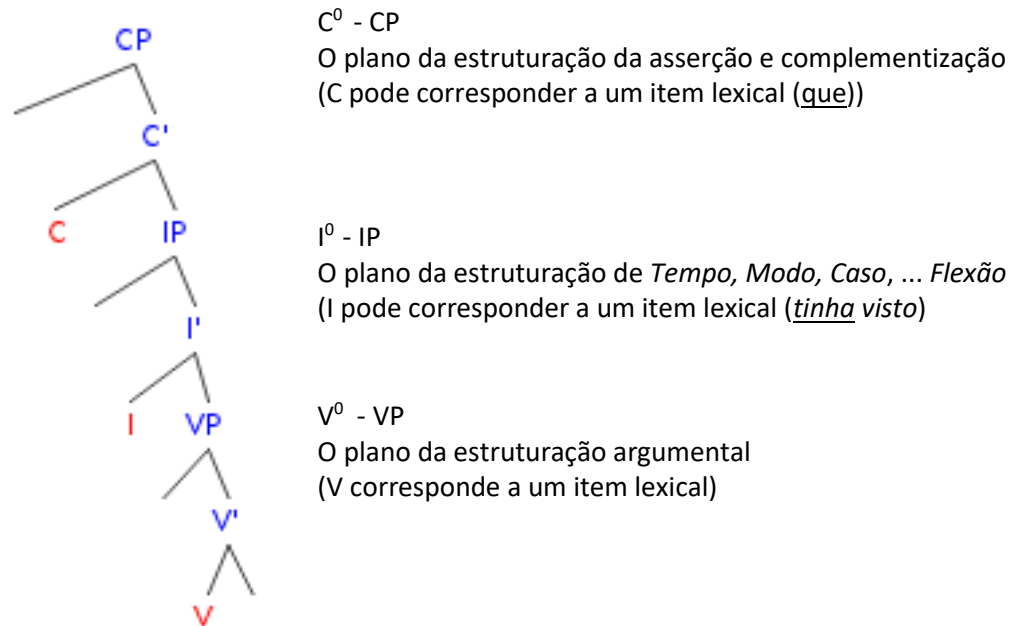
- A construção dos objetos sintáticos envolve três tipos de concatenação: a complementação, a modificação, e a especificação. Na estrutura representativa [XP \_ [X' X<sup>0</sup> [ \_ ]]],

- (a) Complementos são irmãos de um núcleo X > X<sup>0</sup> ( \_ )
- (b) Especificadores são filhos de XP > [XP ( \_ ) ...]
- (c) Modificadores são adjuntos a X' > [X' ( \_ ) ]

- Até aqui procuramos resumir algumas das propostas da teoria X', com o intuito de preparar as próximas leituras. Mais à frente, tópico - 2. Teoria Temática, algumas das características importantes das relações estruturais esboçadas acima serão detalhadas, examinando as concatenações possíveis a partir do núcleo lexical V.

## 2.2 Resumo - a Teoria X-barra

“A teoria X-barra é o módulo da gramática que permite representar um constituinte. Ela é necessária para explicitar a natureza do constituinte, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os constituintes se hierarquizam para formar a sentença”.  
(Miotto, 2004: 49)



- Neste ponto, iremos nos concentrar na formação da sentença no plano do sintagma verbal, ou seja, VP. Para isso precisaremos revisar o que já vimos na primeira parte do curso sobre argumentos e seus papéis temáticos.

### 3. Teoria temática - Introdução

“a derivação das sentenças começa com o acesso ao léxico mental, isto é, o conjunto de elementos que temos em nossas cabeças quando somos falantes nativos de uma língua”. (Miotto: 84)

(2) O léxico mental possui informação categorial: fuga, polícia, descoberta / fuga, polícia, descobrir:

(a) {descoberta }= +N, -V;

A [N **descoberta** ] da fuga pela polícia na semana passada/

\* A polícia [N **descoberta** ] (d)a fuga na semana passada

(b) {descobrir } = - N, +V;

\*A [V **descobriu** ] (d)a fuga pela polícia na semana passada/

A polícia [V **descobriu** ] a fuga na semana passada

(3) O léxico mental possui informação sobre a seleção semântica:

A [ **descoberta** ] da fuga *pela polícia* na semana passada/

(?) A [ **descoberta** ] da polícia *pela fuga* na semana passada.

(4) O léxico mental possui informação sobre a seleção argumental:

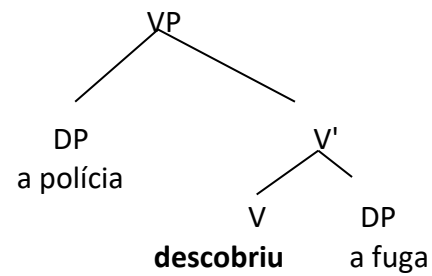
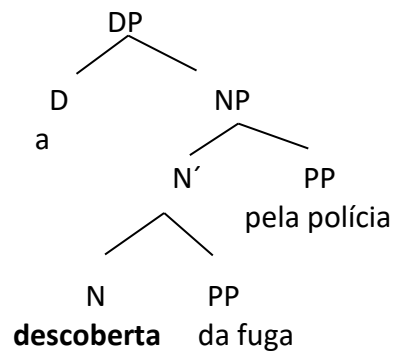
A *polícia* [ **descobriu** ] a fuga na semana passada/

(?) A fuga [ **descobriu** ] a *polícia* na semana passada.

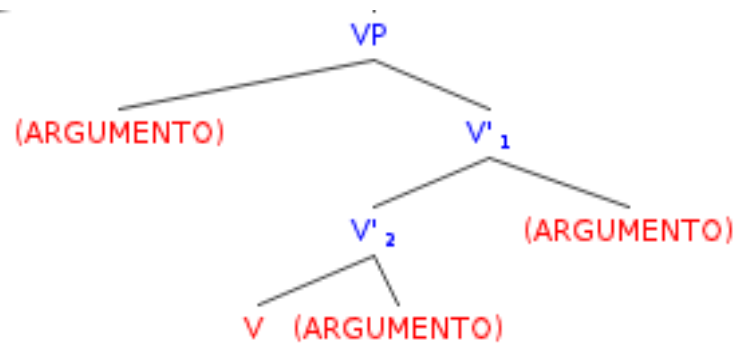
(5)

(a) A [ **descoberta** da fuga ] pela polícia

(b) A polícia [ **descobriu** a fuga ]



(6) Posições possíveis para argumentos



(7) O marido apanhou da mulher - O marido-PACIENTE apanhou da mulher-AGENTE

[ **apanhar** ]:

- (a) categoria: [-N, +V]
- (b) argumentos: [ \_\_ , \_\_ ]
- (c) c-seleção: [DP, PP]
- (d) s-seleção: [paciente, agente]

**Critério Teta, Chomsky (1981)****Lembrando a Hierarquia dos Papéis Temáticos:**

(8) Thematic Hierarchy, Larson (1988:382)

**Agent > Theme > Goal > Obliques (manner, location, time, ...)**

If a verb  $\alpha$  determines  $\vartheta$ -roles  $\vartheta_1, \vartheta_2, \dots, \vartheta_n$ , then the lowest role on the Thematic Hierarchy is assigned to the lowest argument in constituent structure, the next lowest role to the next lowest argument, and so on. Larson (1988:382)

**Lembrando: estruturas com dois argumentos internos**

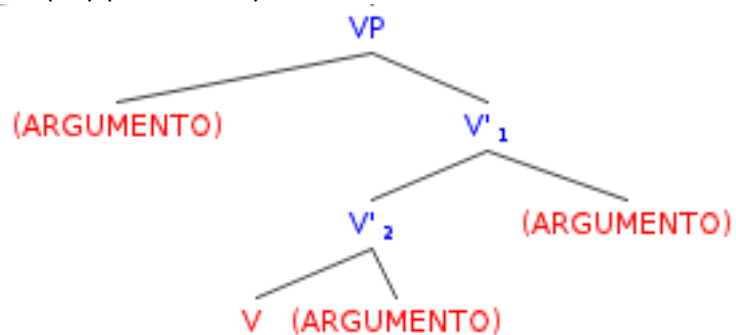
(38)

Se VP = [VP [argumento interno] [V' verb [argumento interno] ] ] ],  
 como se estruturam os predicados com dois argumentos internos?

(a) A Maria deu os livros para os amigos

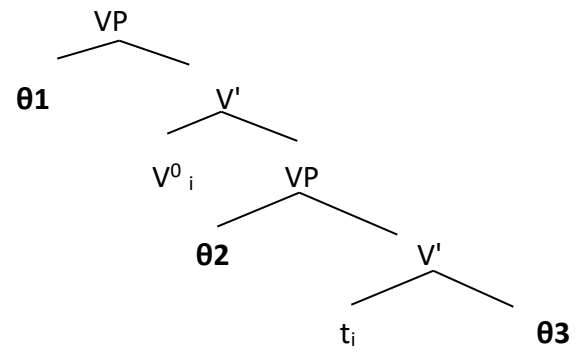
(b) O João pôs o livro na estante

(39) (cf. 6 acima)



ou

(40) Larsonian Shell, Larson (1988):





## 8. Hierarquia temática e alterações da estrutura argumental

Leitura preparatória:

Duarte, I. & Brito, A. M (2003). Predicação e classes de predicadores verbais. In M.H.M. Mateus et al, Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Caminho (179-274).  
 Duarte, Inês (2003): A Família das Construções Inacusativas, In M.H.M Mateus et al (eds), Gramática da língua portuguesa. Lisboa: Caminho (506-548).  
 PERINI, Mário Alberto (2010). *Valência*. In "Gramática do português brasileiro". São Paulo : Parábola. (135-152).

### 1. “Predicação e classes de predicadores verbais” – Revisão da aula 7

- Estrutura argumental e Hierarquia temática

Estrutura Argumental, Duarte & Brito (2003:198): oferecer<sub>v</sub>: [SN-AGENTE SN-TEMA SP-ALVO]

- (a) [O João]<sub>AGENTE</sub> ofereceu [um livro]<sub>TEMA</sub> [à Maria]<sub>ALVO</sub>  
 (b) \* [Um livro]<sub>TEMA</sub> ofereceu [o João]<sub>AGENTE</sub> [à Maria]<sub>ALVO</sub>

Hierarquia temática, Duarte & Brito (2003:198): Agente > Locativo, Alvo > Tema

- Hierarquia temática e “sujeitos”

Alteração no papel temático do “sujeito” a depender da sua semântica

- (a) [O tremor de terra]<sub>FORTE</sub> matou dez pessoas  
 (b) [O criminoso]<sub>AGENTE</sub> matou dez pessoas

(lembrando os testes):

- (a)' [O tremor de terra] <sub>FORTE</sub> matou dez pessoas intencionalmente / para...  
 (b)' [O criminoso] <sub>AGENTE</sub> matou dezs pessoas intencionalmente / para obter o resgate

*Note-se que:* O criminoso/O tremor de terra matou [dez pessoas] <sub>TEMA</sub>

“Certos verbos admitem que o argumento que ocorre como “sujeito” possa ter os papéis temáticos de Fonte ou Agente *consoante a entidade que designam*, possibilidade que não se verifica relativamente aos restantes argumentos” (Duarte & Brito 2003:200).

Relação Composicional entre [verbo-argumento externo] e “sujeito”

- (a) [O João] <sub>AGENTE</sub> quebrou o vidro  
 (b) [O João] <sub>AGENTE</sub> quebrou a perna da Maria  
 (c) [O João]? quebrou a perna {a perna-posse inalienável de O João}

- Hierarquia temática e “complementos”

Proximidade V-argumento interno: Do ponto de vista estrutural

“Sendo a atribuição de papéis temáticos uma relação eminentemente local, espera-se que o verbo marque diretamente os argumentos que ocorrem como complemento, uma vez que o verbo e estes argumentos se encontram em posições sintáticas irmãs” (Duarte & Brito 2003:200).

*Note-se: “Há verbos que não asseguram sozinhos a marcação temática de seus argumentos internos”*

- (a) As crianças foram para a escola  
 (b) O professor entrou na sala  
 (c) Os pais saíram de casa

Proximidade V-argumento interno, do ponto de vista semântico:

(i) verbos que permitem a omissão do argumento interno

(a) A Maria comeu [TEMA] às 13 horas.

(ii) argumentos sombras

(a) Chovia *uma chuva miudinha*

(b) A vítima chorou *lágrimas de raiva*

(c) Dormimos *um sono reparador*

(iii) Paráfrases temáticas com “verbos leves”

(a) A Maria	<u>espirrou</u>	/ A Maria	<u>deu um espirro</u>	
(b) O público	<u>suspirou</u>	/ O público	<u>deu um suspiro</u>	
(c) A moça	<u>gritou</u>	/ A moça	<u>deu um grito</u>	
(d) O moço	<u>beijou</u> a moça	/ O moço	<u>deu um beijo</u>	na moça
(e) A moça	<u>mordeu</u> o moço	/ A moça	<u>deu uma mordida</u>	no moço
(f) A mãe	<u>banhou</u> os filhos	/ A mãe	<u>deu um banho</u>	nos filhos
(g) A Maria	olhou as crianças	/ A Maria	deu uma olhada	nas crianças

(iv) Outras paráfrases temáticas

(a) A menina derrubou o pote / A menina fez o pote cair

(b) Os meninos banharam / Os meninos tomaram banho

## 2. “A Família das Construções Inacusativas” - Aspectos descritivos

Promoção de argumento “tema” de verbos mono-argumentais :

(a) [O Pedro]<sub>TEMA</sub> chegou

(b) [As flores]<sub>TEMA</sub> murcharam

Promoção de argumento “tema” e supressão de argumento “fonte” em verbos de *Alternância Incoativa*

(a) [ O calor ]<sub>FONTE</sub> derreteu [a manteiga]<sub>TEMA</sub>

(b) [ A manteiga ]<sub>TEMA</sub> derreteu com o calor

(c) [ A manteiga ]<sub>TEMA</sub> derreteu

Promoção de argumento “tema” e supressão de argumento “agente” em *Construções Passivas*

- (a) [Os alunos ]<sub>AGENTE</sub> compraram [ o livro ]<sub>TEMA</sub>  
 (b) [ O livro ]<sub>TEMA</sub> foi comprado pelos alunos  
 (c) [ O livro ]<sub>TEMA</sub> foi comprado  
 (d) [ O livro ]<sub>TEMA</sub> comprou-se

Propriedades comuns às construções passivas, de alternância incoativa e inacusativas, segundo Duarte (2003:509):

- (i) o verbo não atribui caso acusativo ao seu argumento interno direto  
 (ii) o verbo não atribuir papel temático externo à posição de sujeito

“Essas duas propriedades podem ser o resultado de características idiossincráticas do verbo, i.e., do facto de o verbo escolhido ser inacusativo, [cf. 50], ou podem ser o efeito de processos sintácticos ou morfo-sintácticos que inacusativizam um verbo transitivo [cf. 51/52] ( Duarte 2003:509, [meu grifo])”

Síntese da co-relação inacusativas-incoativas-passivas:

- (a) A Maria derreteu a manteiga [variante transitiva causativa]  
 (b) A manteiga derreteu [variante inacusativa]

“... o argumento interno directo da variante causativa ocorre como sujeito da forma inacusativa, e o argumento externo da variante causativa não está disponível na variante acusativa nem mesmo sob a forma de um agente implícito. A primeira dessas propriedades é demonstrada pelo facto de o argumento interno directo da variante inacusativa ser pronominalizável pela forma nominativa do pronome pessoal e determinar a forma verbal ( Duarte, 2003:515, [meu grifo])”:

- (c) A manteiga derreteu-se  
 (d) Os cubos de gelo **derreteram**.

“Quanto à segunda propriedade acima referida, que distingue a variante inacusativa de verbos de alternância causativa de frases passivas, demonstra-a a impossibilidade de ocorrência de um sintagma preposicional agentivo, de advérbios orientados para o agente [...], e de orações finais [...]:

(e) \* A manteiga derreteu *pela Maria* / A manteiga foi derretida *pela Maria*

(f) \* A manteiga derreteu *intencionalmente* / A manteiga foi derretida *intencionalmente*

(g) \* A manteiga derreteu *para fazer a tarte* / A manteiga foi derretida *para fazer a tarte*

### 3. Uma discussão complementar:

A análise de Duarte (2003) sobre as construções inacusativas

#### Conceituando a co-relação inacusativas-incoativas

“é necessário decidir se o léxico do português contém uma entrada lexical causativa e uma entrada lexical inacusativa para um verbo de alternância causativa ou se apenas contém uma entrada lexical (a causativa), da qual se deriva, por operações lexicais sobre os papéis temáticos, a variante inacusativa. Adota-se aqui a segunda posição, que se pode sintetizar através da seguinte generalização:

#### (28) *Princípio da Uniformidade Lexical*

Cada conceito verbal corresponde a uma entrada lexical com uma estrutura temática.

(...)

(29) abrir<sub>v</sub>:  $\theta_1 \theta_2$  [\_\_ SN]

(...)

“Uma vez que a operação lexical de Redução suprime o papel temático externo, o verbo perde a capacidade de legitimar casualmente o seu argumento interno directo, pelo que a forma resultante da operação de Redução tem as propriedades de um verbo inacusativo [Burzio].

Com certos verbos de alternância causativa, esta operação de Redução exige uma marcação morfológica na sintaxe, sob a forma de um clítico pseudo-reflexivo, como acontece com *afundar-se*, *rasgar-se*. Com outros verbos, tal marcação é possível mas não obrigatória, como é o caso de *derreter(-se)*, *queimar(-se)*. Outros verbos ainda não a exigem nem a admitem, como acontece com *acabar*, *aumentar*.

O facto de o clítico que ocorre associado à variante inacusativa de certos verbos de alternância causativa ter propriedades distintas das dos verdadeiros reflexos [cf. 56] e o facto de ele marcar a variante não causativa destes verbos levou muitos autores a denominá-lo *-se anticausativo*, designação que aqui se adopta igualmente (Mateus et alii 2003:517-518, [meu grifo]).

- (a) A porta abriu-se *por si só* / \* O João cortou-se *por si só*  
 (b) \* A porta abriu-se *a si própria* / O João cortou-se *a si próprio*

Das “*passivas de -se*”

“Tal como se viu que acontecia nas frases com verbos inacusativos enas passivas sintáticas, o constituinte interpretado como argumento interno directo do verbo tem a relação gramatical de sujeito(…)”

- (a) *Esse artigo publicou-se* no último número da revista  
 (b) *Os três canivetes usaram-se* para cortar o pão

“... também nas passivas de -se existe constância de papéis temáticos entre o constituinte que ocorre como sujeito e o constituinte com papel temático interno directo da activa correspondente”:

- (c) [*Esse artigo*]<sub>TEMA</sub> publicou-se no último número da revista / Publicaram [*esse artigo*]<sub>TEMA</sub> ...  
 (d) [*Os três canivetes*]<sub>INSTRUMENTO</sub> usaram-se para cortar o pão / Usaram [*os três canivetes*]<sub>INSTRUMENTO</sub> ..

“Finalmente, a agramaticalidade de frases como [e, f] mostra que [o argumento agente /causador] não pode ser expresso através de sintagma *por*”:

(e) \* Esse artigo publicou-se no último número da revista *pelo editor*

(f) \* Os três canivetes usaram-se para cortar o pão *por alguém*

[vs. Esse artigo foi publicado *pelo editor*; Os três canivetes foram usados *por alguém*]

“As três propriedades das passivas de -se acima referidas podem ser captadas se se considerar que, nestas construções, é o clítico -se que recebe o papel temático externo do verbo, ocupando, por isso, na representação sintáctica inicial, a posição de especificador do SV [VP]. A impossibilidade de legitimação casual do argumento interno directo com Caso acusativo [...] pode ser atribuído à presença do clítico: ele absorve (ou elimina) o traço casual acusativo do verbo, forçando o argumento interno directo a deslocar-se para aceder ao Caso nominativo (Duarte 2003:531-532, [meu grifo])”.

## 9. 'Caso'

### Bibliografia:

MIOTO, Carlos et al. (2004). Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis, Insular. (Capítulo 4: A teoria do caso).

#### Bibliografia Complementar:

CHOMSKY, Noam (1995). The Minimalist Program, MIT Press, Cambridge, Mass.

CHOMSKY, Noam (1999). Derivation by Phase. In Ken Hale: A Life in Language. Edited by Michael Kenstowicz. Cambridge, MA: MIT Press, 1999/2001, pp. 1-52.

HORNSTEIN, N., NUNES, J. & GROHMANN, KK. (2005) Understanding Minimalism. 6. Case Domains. Cambridge: Cambridge UP, 111-140

NUNES, Jairo M. Minimalismo: uma entrevista com Jairo Nunes. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL. Vol. 6, n. 10, março de 2008. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

### Material Complementar:

"Floresta" (slides com árvores), <http://disciplinas.stoa.usp.br/mod/resource/view.php?id=49093>



## Afinal, o que é “caso”?

*Caso* < Lat. *cāsus*, ‘caso gramatical’, ‘queda’, ‘destino’, ‘acontecimento’ (< *casus*, part. passado de *cado/cadere*, ‘cair’, ‘acontecer’) ... e aliás, *declinação* < *declinare*, ‘inclinarse’. Também no Grego, *ptôsis* - πτώσις, lit. ‘queda, ‘caso gramatical’).

(1) Miotto et al (1999: 112-113):

(a)	Puer	puellam	amat	
	menino-NOM	menina-ACC	ama	'O menino ama a menina'
(b)	Puella	puerum	amat	
	menina-NOM	menino-ACC	ama	'A menina ama o menino'
(c)	Puella	ab puero	amata est	
	menina-NOM	por menino-ABL	amada é	'A menina é amada pelo menino'

### 1. Noção de Caso na teoria gerativa

- Na teoria gerativa da gramática, a noção de *Caso* se relaciona as propriedades que permitem que os sintagmas nominais se tornem tematicamente interpretáveis, ou “visíveis” para a interpretação temática.
- Essa visibilidade pode ser codificada de diferentes formas em diferentes línguas – seja abstratamente (*Caso estrutural*) seja também superficialmente (*caso morfológico*).

Mioto et al (1999: 114ss):

“Qual o papel destes morfemas casuais nas sentenças latinas? Eles tem o papel de estabelecer as funções gramaticais (sujeito, objeto de verbo, objeto de preposição) dos DPs e é através deles que são reconhecidos os papéis temáticos dos argumentos. Como sabemos, na relação de ‘amor’ marcada pelo verbo em (2), qual o DP que desempenha o papel do que ama?”

- sabemos qual DP desempenha o papel do que ama pelo morfema  $\emptyset$  do nominativo: puer, **puella**

- sabemos qual DP desempenha o papel do que é amado ama pelo morfema **-m** do acusativo: puell**am**, puer**um**

“São os morfemas que marcam a reversão dos papéis temáticos em (a). Já numa sentença passiva como (c), o morfema que marca o papel temático do que e amado e /-a/ do nominativo, e o papel temático do que ama e indicado pelo morfema /-o/ (em conjunto com a presença da preposição –ab, ‘por’, que pode ser omitida)”

“Um mesmo caso como nominativo serve para indicar papéis- $\theta$  diferentes; ou casos diferentes como nominativo e ablativo podem indicar o mesmo papel- $\theta$ . Portanto, caso morfológico não pode ser confundido com papel- $\theta$ . Mas existe uma relação direta entre eles que é enunciada a partir da constatação de que o caso tem que ser explícito para que dele se possa deduzir o papel- $\theta$ : numa língua como o latim, não é possível a ocorrência de um DP sem marca de caso. Se isso acontecesse não saberíamos o papel- $\theta$  do DP na sentença. Dizemos, então, que o caso deixa o papel- $\theta$  **visível** para a interpretação- $\theta$ ”

“Também numa língua como o português, que não apresenta marca morfológica de caso, os DPs devem ser visíveis para a interpretação  $\theta$ . (...)”

## 2. O conceito de Caso Estrutural

(2)

(a) O menino ama a menina

(b) A menina ama o menino

(c) A menina foi amada pelo menino

- Como sabemos que *o menino* desempenha o papel do que ama em (4a)?
  - sabemos porque este DP antecede o verbo.
- Como sabemos que *menino* desempenha o papel do que e amado em (4b)?
  - sabemos porque este DP vem depois do verbo.

“Grosso modo, podemos dizer que a ordenação dos DPs no português é importante para torná-los visíveis para a interpretação  $\theta$ .”

“Então, vamos admitir que essa condição de visibilidade se aplica a qualquer língua, mesmo as que não dispõem de caso morfológico. Isto é, abstraindo a morfologia, todas as línguas seriam semelhantes ao latim porque tem que dar visibilidade aos DPs para que eles tenham sua interpretação  $\theta$  garantida. Todas as línguas são idênticas por disporem da categoria gramatical Caso”.

Observemos agora os seguintes contrastes:

### (3) Papel temático / posição

- |     |                                      |                         |
|-----|--------------------------------------|-------------------------|
| (a) | (i) Puer amat [ puellam ]-TEMA       | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) O menino ama [ a menina ]-TEMA  |                         |
| (b) | (i) Puella amat [ puerum ]-TEMA      | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) A menina ama [ o menino ]-TEMA  |                         |
| (c) | (i) [ Puellam ]-TEMA amat puer       | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) *[ A menina ]-TEMA ama o menino |                         |
| (d) | (i) [ Puerum ]-TEMA amat puella      | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) *[ O menino ]-TEMA ama a menina |                         |

### (4) Papel temático / posição / caso morfológico

- |     |   |                         |
|-----|---|-------------------------|
| (a) | (i) Puer-NOM amat [ puellam-ACC ]-TEMA  | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) O menino ama [ a menina ]-TEMA     |                         |
| (b) | (i) Puella-NOM amat [ puerum-ACC ]-TEMA | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) A menina ama [ o menino ]-TEMA     |                         |
| (c) | (i) [ Puellam-ACC ]-TEMA amat puer-NOM  | 'O menino ama a menina' |
|     | (ii) *[ A menina ]-TEMA ama o menino    |                         |
| (d) | (i) [ Puerum-ACC ]-TEMA amat puella-NOM | 'A menina ama o menino' |
|     | (ii) *[ O menino ]-TEMA ama a menina    |                         |

### (5) Papel temático / posição / caso morfológico: passivas

- (a) (i) [ Puella-**NOM** ]-TEMA amata est ab puero-**ABL** (*oblíquo*)  
 (ii) [ A menina ]-TEMA foi amada pelo menino (*oblíquo*)

(6) Manifestações de caso morfológico residual em línguas sem sistema rico de caso morfológico

- (a) **Eu** vi a Maria  
 (b) A Maria **me** viu  
 (c) A Maria olhou para **mim**

(7) Contrastes que revelam que elementos “vazios” em cadeias devem ter Caso:

- (a) I met the man that Mary believed \_\_\_\_ to be a genius  
 [ OP<sub>i</sub> that Mary believed the man<sub>i</sub> to be a genius]  
 (b) \* I met the man that it was believed \_\_\_\_ to be a genius  
 [ OP<sub>i</sub> that it was believed the man<sub>i</sub> to be a genius]

## 2.1 Caso estrutural e relações gramaticais

- O “Caso” é portanto uma propriedade das relações que se estabelecem entre os constituintes gramaticais. Enquanto as propriedades temáticas eram estritamente relacionadas a semântica lexical dos verbos e de seus argumentos, tomando noções como evento, ação, tema, agente, locativo..., o caso é uma categoria mais puramente relacional. Um DP não será acusativo ou nominativo a depender de sua semântica lexical, mas sim a depender de sua relação gramatical com outros componentes da frase.
- Em linhas gerais, portanto, a propriedade de Caso é a que permite que a relação temática entre os diferentes constituintes seja interpretada nas interfaces. Por isso se diz que os DPs precisam resolver sua configuração de Caso para se tornarem **interpretáveis**.

2.3.1 Como assim “interpretáveis”? - Interpretabilidade *versus* Inteligibilidade

Colourless green ideas sleep furiously

(8)

- (a) A bilimboca pilincou o minquilico
- (b) O minquilico pilincou a bilimboca
- (c) A bilimboca foi pilincada pelo minquilico

“Interpretability is not to be confused with intelligibility. A convergent expression may be complete gibberish, or unusable by performance system for various reasons. And performance systems typically assign interpretation to nonconvergent expressions”.  
(Chomsky, 1998:8 [nota 19])

## 2.3.2 Caso estrutural e “Concordância”

- Por ser uma noção relacional, o Caso está ligado a outras noções relacionais, como a Concordância. A concordância superficial (morfológica, no sentido estrito) manifesta uma relação estrutural entre dois constituintes sintáticos.
- Dizemos que dois itens “concordam” quando verificamos uma identidade relativa entre eles. O Caso estrutural estaria, também, intimamente ligado com questões de “concordância”:

(9) Concordância NP-V e Caso estrutural

- |                                 |                                 |                                    |
|---------------------------------|---------------------------------|------------------------------------|
| (a) [ A menina ]-TEMA           | foi amada pelo menino           | = tema em posição de NOM           |
| (b) [ As meninas ]-TEMA         | <b>foram amadas</b> pelo menino | = tema em posição de NOM           |
| (c) A menina ama                | [ o menino ]-TEMA               | = experienciador em posição de NOM |
| (d) As meninas amam             | [ o menino ]-TEMA               | = experienciador em posição de NOM |
| (e) [ Puella- <b>NOM</b> ]-TEMA | amata est ab puero              | = tema em posição de NOM           |

### 2.3.3 "Teoria do Caso": resumo

Sintetizando bastante, “Caso” é como conceituamos a propriedade das línguas de poderem relacionar os constituintes entre si e marcar essa relação, de modo a tornar a interpretação temática possível.

Na teoria gerativa da gramática, a noção de *Caso* remete às propriedades que permitem que os sintagmas nominais se tornem visíveis para a interpretação temática. Essa visibilidade pode ser codificada de diferentes formas em diferentes línguas – seja abstratamente (*Caso estrutural*) seja também superficialmente (*caso morfológico*).

Em linhas gerais, a propriedade de Caso é a que permite que a relação temática entre os diferentes constituintes seja interpretada nas interfaces (i.e., por exemplo, na interface com a fonologia). Por isso se diz que os DPs precisam resolver sua configuração de Caso para se tornarem **interpretáveis**.

O princípio único da Teoria do Caso é o de que todo DP pronunciado deve pertencer a uma cadeia com caso (“*Filtro do Caso*”).

São três os casos estruturais: **Nominativo**, **Acusativo** e **Oblíquo**. Cada um deles corresponde a diferentes configurações estruturais (como veremos a seguir).

O “Caso” é portanto uma propriedade das relações que se estabelecem entre os constituintes gramaticais. Enquanto as propriedades temáticas eram estritamente relacionadas a semântica lexical dos verbos e de seus argumentos, tomando noções como evento, ação, tema, agente, locativo..., o caso é uma categoria mais puramente relacional. Um DP não será “acusativo” ou “nominativo” a depender de sua semântica lexical, mas sim a depender de sua **relação** com outros componentes da frase.

Por ser uma noção relacional, o Caso está ligado a outras noções relacionais, como a **Concordância**. Como vimos, a concordância é definida como uma relação estrutural que marca a identidade entre dois constituintes sintáticos.

Assim, a grande questão em torno do Caso passa a ser saber como essas relações são estabelecidas: que procedimentos envolve, em que espaços se aplicam esses procedimentos. Esse é um aspecto que muda bastante nas diferentes fases da teoria, como veremos a seguir.

## 3. Desenvolvimentos da Teoria do Caso

A teoria do caso foi se desenvolvendo basicamente para resolver o problema de como conceituar as relações gramaticais e como garantir uma descrição adequada as várias observações empíricas sobre como essas relações se manifestavam nas diferentes línguas.

Assim, foram sendo apresentadas propostas no sentido de determinar os espaços de aplicação dessas propriedades relacionais – limitando esses espaços por diferentes noções de **localidade** e relação hierárquica (**dominância**).

Essas propostas sofreram mudanças importantes na teoria, entre as décadas de 1980 e 1990, ou seja, entre o modelo de “**Regência e ligação**” (“*Government and Binding*”, GB; (Chomsky 1981/1983), e o “**Modelo Minimalista**”, a fase seguinte, iniciada em Chomsky (1993).

### 3.1 Aspectos relevantes do modelo Regência e Ligação (Chomsky 1981/1983, etc.) para a Teoria do Caso

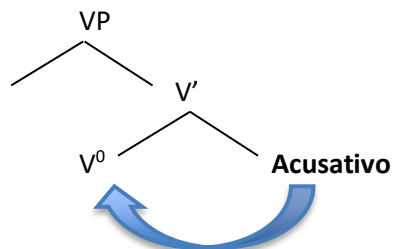
Neste modelo, o conceito de Regência (*Government*) é central, e remete às relações que podem se estabelecer entre núcleos e seus complementos e especificadores. Sua principal aplicação são justamente mecanismos de “atribuição de caso”.

#### 3.1.1 Configurações para “marcação de caso” no modelo Regência e Ligação

##### (i) Configuração Canônica:

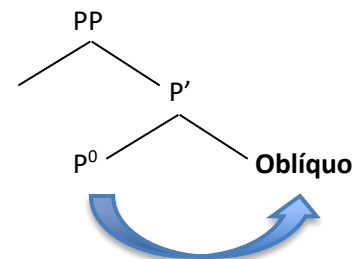
Por “regência”: um núcleo (lexical) atribui caso a seu complemento

(a)



ou:  $[_{VP} V DP]$   
ACC

(b)

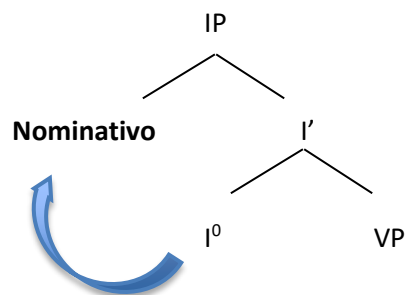


ou:  $[_{PP} P DP]$   
OBL

##### (ii) Configuração não-canônica

Por relação especificador/núcleo: um núcleo atribui caso a seu especificador

(**exclusividade do núcleo funcional I<sup>0</sup>**):



ou:  $[_{IP} DP [_{I'} I VP]]$   
NOM

### 3.1.2 Caso e a noção de "Estrutura Superficial"

No modelo "Regência e ligação" (GB), o "filtro do caso" (i.e. "todo DP pronunciado deve pertencer a uma cadeia com caso") se aplicava na chamada "Estrutura superficial" ou SS. De fato: a verificação de caso era uma das principais razões da existência da SS como nível de representação.

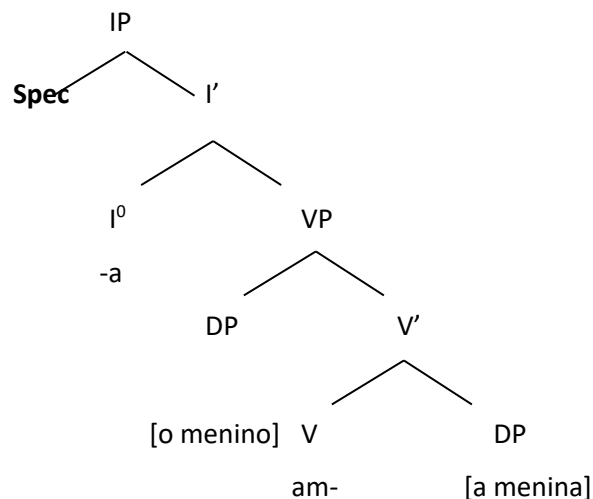
Basicamente, isso significava o seguinte: na "DS", *deep structure*, estrutura profunda, os DPs estavam identificados pelo papel temático. Apenas em "operações posteriores" - vistas, ali, como "aplicadas em níveis posteriores" - os papéis temáticos se tornavam visíveis. Essas operações, basicamente, envolviam movimentos motivados pelo requerimento de caso. Por exemplo: o DP sujeito era aquele que se movia para o especificador de IP "para receber caso". Em DS, este DP ainda estava in-situ, "sem caso".

Assim, nesse modelo, era como se a "árvore" fosse uma estrutura esquelética "pronta" que fosse se "preenchendo" aos poucos, por diferentes razões em diferentes momentos.

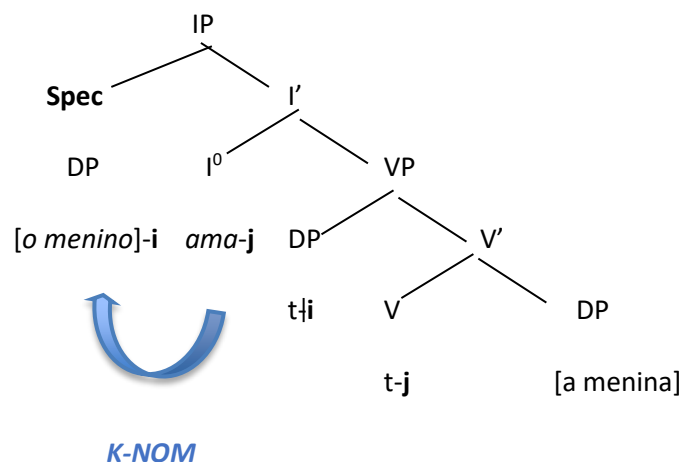
Os sintagmas (pensemos especificamente nos DPs) eram então "pendurados" nos nós das árvores num primeiro momento da DS - aí se dizia: são "gerados" neste ponto neste momento.

Em seguida, eram "movid" para outros nós, no momento da SS. Mas vejamos: os pontos nodais para onde os sintagmas eram "movid" na fase SS já estavam prontos em DS - como se estivessem ali esperando seus penduricalhos, os XPs "movid". Por exemplo: (Miyoto, 2009:99)

a) IP, "deep structure"



b) IP, "superficial structure"





Esta concepção foi radicalmente transformada na década de 1990 por Chomsky (1995, 1999), como veremos a seguir.

### 3.2 Aspectos relevantes do "Modelo Minimalista" (Chomsky 1993, etc.) para a Teoria do Caso

#### 3.2.1 "Minimalista"?

“O Programa Minimalista se propõe a explorar a hipótese de que a faculdade da linguagem tem domínios que são regidos por questões de economia e otimização. Chamar o conjunto de pesquisas com essa preocupação de programa ressalta o fato de que, mais que a formalização de um conjunto consolidado de conhecimentos, trata-se de uma empreitada científica que requer esforço interdisciplinar e pode ser ainda muito cedo para que as questões pertinentes possam ser adequadamente respondidas ou mesmo formuladas, dados os variados graus de desenvolvimento das disciplinas envolvidas”. (Nunes, 2008)

#### 4.1 The Minimalist Program

A particular language  $L$  is an instantiation of the initial state of the cognitive system of the language faculty with options specified. We take  $L$  to be a generative procedure that constructs pairs  $(\pi, \lambda)$  that are interpreted at the articulatory-perceptual (A-P) and conceptual-intentional (C-I) interfaces, respectively, as “instructions” to the performance systems.  $\pi$  is a PF representation and  $\lambda$  an LF representation, each consisting of “legitimate objects” that can receive an interpretation (perhaps as gibberish). If a generated representation consists entirely of such objects, we say that it satisfies the condition of Full Interpretation (FI). A linguistic expression of  $L$  is at least a pair  $(\pi, \lambda)$  meeting this condition—and under minimalist assumptions, at most such a pair, meaning that there are no levels of linguistic structure apart from the two interface levels PF and LF; specifically, no levels of D-Structure or S-Structure.

Chomsky (1995)

“Por exemplo, uma das principais hipóteses do Programa é que níveis de representação sintática, se existirem, devem ser conceitualmente motivados em termos das interfaces da faculdade da linguagem com outros módulos da mente. Nesse sentido, níveis como Estrutura-D e Estrutura-S se tornam suspeitos na medida em que sua motivação é essencialmente interna ao modelo. Vários trabalhos foram então desenvolvidos para investigar se esses dois níveis poderiam ser eliminados e os resultados parciais são bastante animadores. Dentro dessa reavaliação surge a questão de como objetos sintáticos são montados, uma vez que não se dispõe de Estrutura-D. A solução foi retomar a noção de transformação generalizada e desenvolver um modelo em que constituintes sintáticos complexos (sintagmas) são formados pela operação Conectar (“Merge”), que concatena dois objetos sintáticos e identifica o núcleo do objeto complexo resultante. Essa visão de “montagem” sintática, por sua vez, permitiu que se derivassem várias propriedades que eram axiomáticas na Teoria X’.” (Nunes, 2008).

A grande questão do Programa Minimalista, a partir de Chomsky 1995, foi: como depurar GB sem jogar fora seus avanços explicativos e descritivos?

Neste sentido, a reformulação da concepção de Caso é um ponto fundamental do minimalismo - já que:

- (a) Queremos manter a noção geral de Caso Estrutural;
- (b) Queremos eliminar níveis internos à teoria;
- (c) A "atribuição de caso" é uma das principais "tarefas" do nível SS em GB.

Em Hornstein et al (2005, Cap 3) há um excelente relato dos desenvolvimentos do minimalismo quanto ao problema do caso.

Aqui, importa apontar três pontos principais:

- (i) Eliminação de SS
- (ii) Eliminação de regência
- (iii) Abordagem da montagem da estrutura em fases

Abordagem da montagem da estrutura em fases (Merge/Move como fases): cada nó da árvore "surge" no momento em que é concatenado.

Assim, ao longo da formação de VP, IP não está "esperando". IP é formado pela concatenação de um núcleo I com um VP.

Consequentemente: não **"existe"** "Spec de IP" no sentido de um elemento estrutural abstrato vazio "esperando" um DP ser "pendurado" nele.

*O "especificador de IP" é o DP que se concatena à formação anterior (i.e. I+VP).*

Observem, na *Floresta*, que todas as nossas derivações "em pedaços" estão sugeridas neste espírito, de modo que cada novo nó é formado pela concatenação de uma nova categoria funcional ( $X^0$ ); não há "esqueletos" esperando sintagmas para se "pendurarem" em ponto algum.

### 3.2.1 O caso do Caso Nominativo (*ou: novamente, o sujeito...*)

Notemos como a abordagem minimalista muda inteiramente a questão do Caso Nominativo: fundamentalmente, não podemos mais dizer que o DP "se move para o Spec de IP para receber caso" ... pois não "há" Spec de IP antes deste "movimento"!

O que temos que explicar, agora, é justamente a transformação de um DP de VP em especificador de IP. Assim, aqui temos novas perguntas a formular, em especial quanto ao especificador de IP: por que, afinal, temos um especificador para IP?

Num espírito minimalista...

(i) *Vamos manter a intuição central da coisa*

(por exemplo, "A posição de sujeito remete a alguma relação muito especial entre determinado DP e o predicado (VP), e esta relação tem alguma coisa a ver com o epifenômeno da "flexão" em algumas línguas)

(ii) *Vamos propor uma análise mínima formalizável:*

(por exemplo, "Um DP será concatenado ao núcleo funcional I porque este DP e I possuem uma estreita identidade; esta identidade estabelecida de alguma forma entre este DP e I irá organizar toda a estrutura da sentença. De modo que seja o que for que fizermos com esta sentença, este DP será sempre estruturalmente "saliente". Ele está ali para isso: para mostrar que ele é a relação principal.")

Em termos mínimos, essa pode ser uma definição de sujeito apropriada para este modelo:

**Sujeito é a posição mais saliente da estrutura da oração.**

Entre os detalhes de implementação a serem definidos, estariam: entre os diversos DPs que um VP contém, qual será "escolhido" para compor esta relação saliente, e - "por quê?".

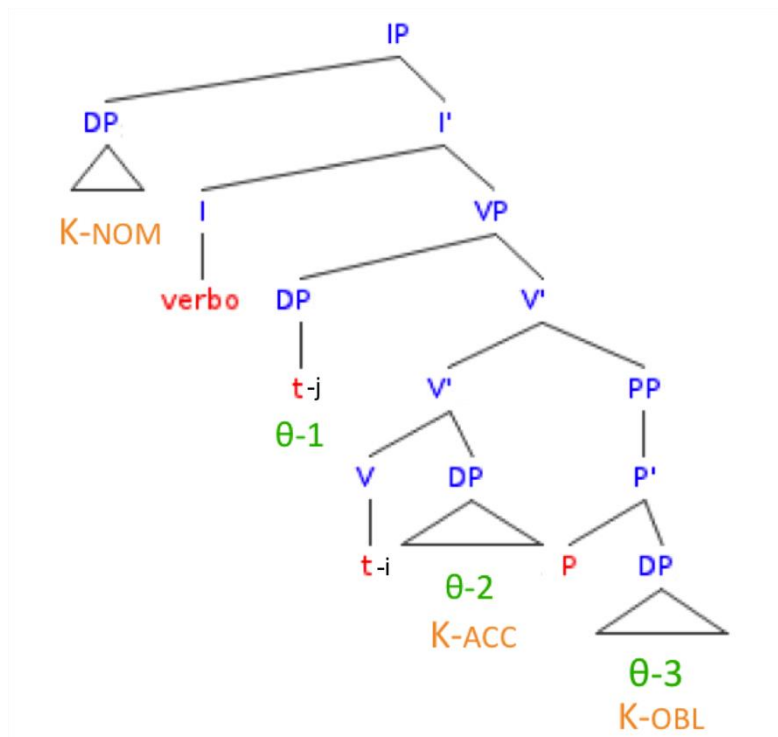
Só não vale mais dizer que já há um traço no especificador: vale, sim, dizer que há um requerimento de I (de um lado) e um requerimento do DP (do outro lado), e que esses dois requerimentos precisam ser atendidos pela operação que concatena este DP a I.

Bem: neste modelo, podemos pensar que o que chamamos de "CASO NOMINATIVO" é resultado do atendimento destes requerimentos de identidade entre uma posição saliente e um DP. Esses requerimentos de identidade estão ligados a traços semânticos abstratos responsáveis pela interpretação de pessoa, número e gênero (os chamados "traços- $\Phi$ ", "traços- $\phi$ ")

For the Case/agreement systems, the uninterpretable features are  $\phi$ -features of the probe and structural Case of the goal N.  $\phi$ -features of N are interpretable; hence, N is active only when it has structural Case. Once the Case value is determined, N no longer enters into agreement relations and is “frozen in place” (under (3a)). Structural Case is not a feature of the probes (T,  $\nu$ ), but it is assigned a value under agreement, then removed by Spell-Out from the narrow syntax. The value assigned depends on the probe: nominative for T, accusative for  $\nu$  (alternatively ergative-absolutive, with different conditions). Case itself is not matched, but deletes under matching of  $\phi$ -features.

(Chomsky, 1999)

- Tal seja, num predicado bi-transitivo: (cf. Floresta, em especial o slide 65):



- Por fim, note-se: há uma diferença conceitual muito grande entre dizer que um DP “se move” para o especificador de IP para “receber caso” e dizer que um DP precisa ser concatenado ao núcleo I, formando seu especificador, para que seus traços semânticos formais ( $\Phi$ ) sejam interpretados. A diferença está no conceito de “Caso”, mas também no conceito de “movimento”:

“Uma das propriedades centrais das línguas humanas é que constituintes sintáticos podem aparecer numa determinada posição e ser interpretados como se estivessem ocupando outra posição na sentença. Qualquer modelo que se quiser adequado terá que capturar esse fato. Alguns modelos fazem isso postulando uma operação formal, que **metaforicamente** recebe o nome de movimento. Gostaria de enfatizar, que movimento é um termo metafórico para descrever um determinado passo computacional que nada tem a ver com a noção de movimento empregada em física ou no uso comum. Afinal de contas, nenhum sintaticista mede a velocidade dos constituintes que se “movem”. A questão então diz respeito à adequação dos vários dispositivos técnicos de que um modelo lança mão para descrever essa propriedade de “deslocamento” das línguas naturais”. Nunes (2008)

## 10. Fechando a estrutura da sentença

### Bibliografia Fundamental:

MIOTO, Carlos et al. (2004). Novo Manual de Sintaxe. Florianópolis, Insular.

### Bibliografia Complementar:

CHOMSKY, Noam (1995). The Minimalist Program, MIT Press, Cambridge, Mass.

CHOMSKY, Noam (1999). Derivation by Phase. In Ken Hale: A Life in Language. Edited by Michael Kenstowicz. Cambridge, MA: MIT Press, 1999/2001, pp. 1-52.

HORNSTEIN, N., NUNES, J. & GROHMANN, KK. (2005) Understanding Minimalism. 6. Case Domains. Cambridge: Cambridge UP, 111-140

### Material Complementar:

- “Floresta” (slides com árvores), <http://disciplinas.stoa.usp.br/mod/resource/view.php?id=49093>

#### 1. Revisão:

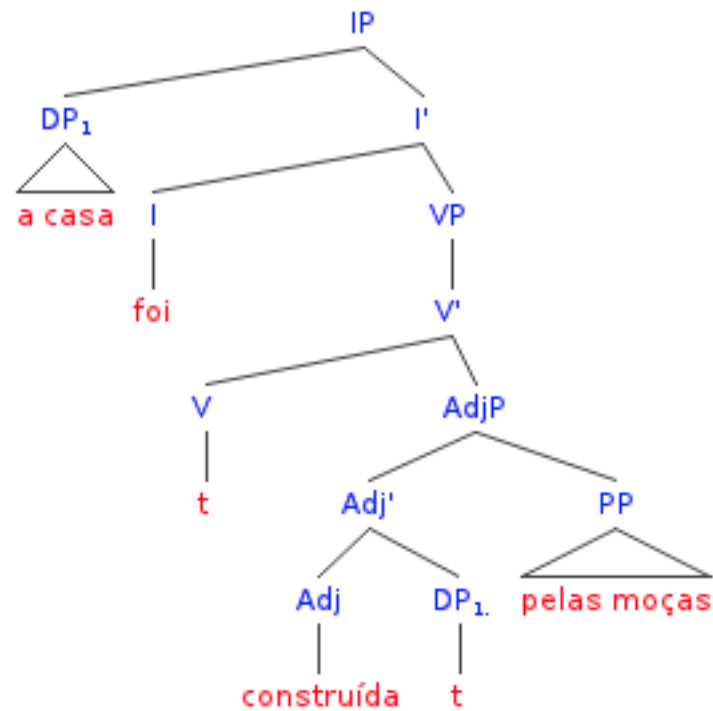
1.1 Os sintagmas projetados por núcleos lexicais referenciais – DP, NP, PP... – cf. “Floresta”, slides 2 a 13

1.2 O sintagma verbal – cf. “Floresta”, slides 14 a 29

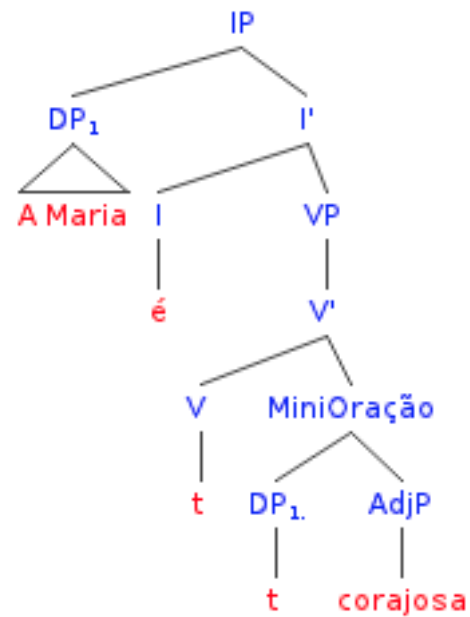
1.3 O sintagma flexional – cf. “Floresta”, slides 32 a 67

### 1.3.1 Casos especiais: As passivas e as copulativas

Passivas – cf. “Floresta”, slides 69 a 79



Copulativas – cf. “Floresta”, slides 80 a 88

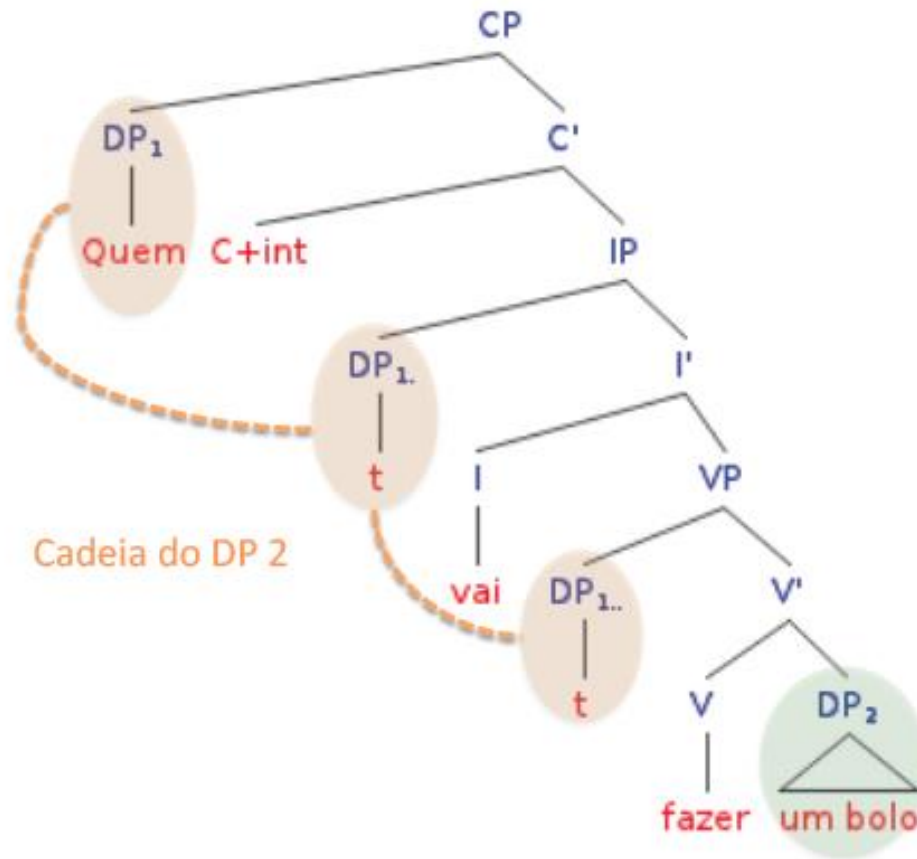


## 2. O núcleo “C” e as projeções para além de IP

- *A moça vai fazer um bolo?*
- *Eu disse que a moça vai fazer um bolo!*
- *O que a moça vai fazer?*
- *Quem vai fazer um bolo?*
- *Quando que a moça vai fazer um bolo?*
- *Que bolo a moça vai fazer?*

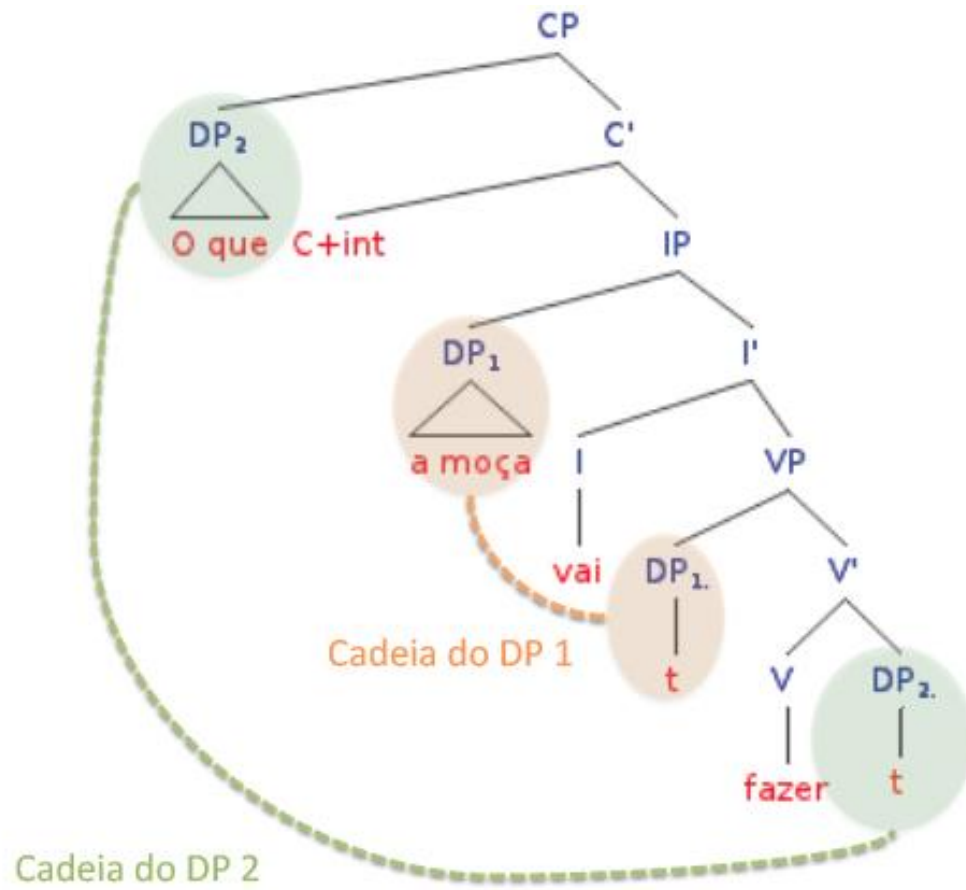
- *Um bolo de chocolate ela vai fazer.*
- *Essa moça ela faz um bolo muito bom.*
- *Bolo de chocolate eu gosto de fazer com batedeira.*

Quem vai fazer um bolo? (slides 93 a 99)

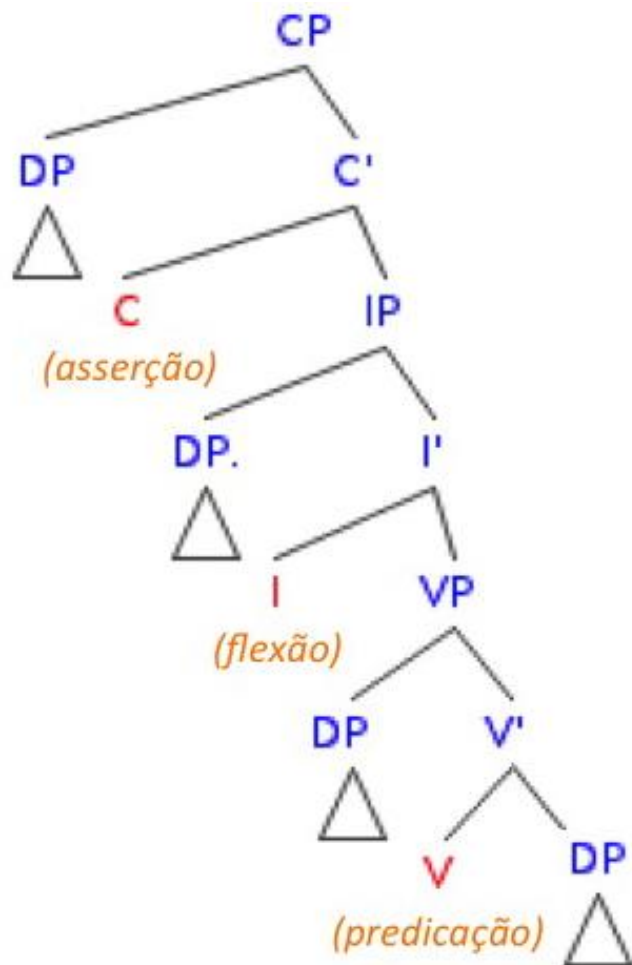


O que a moça vai fazer? (slides 100 a 104)





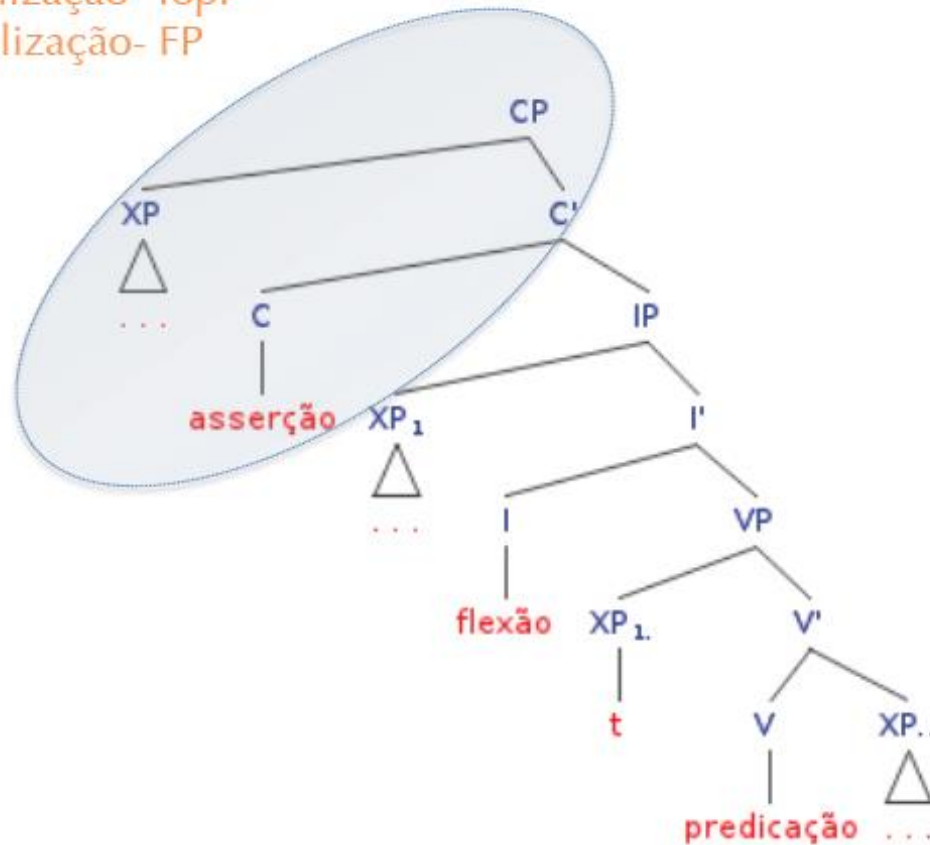
### 3. Axioma da sentença



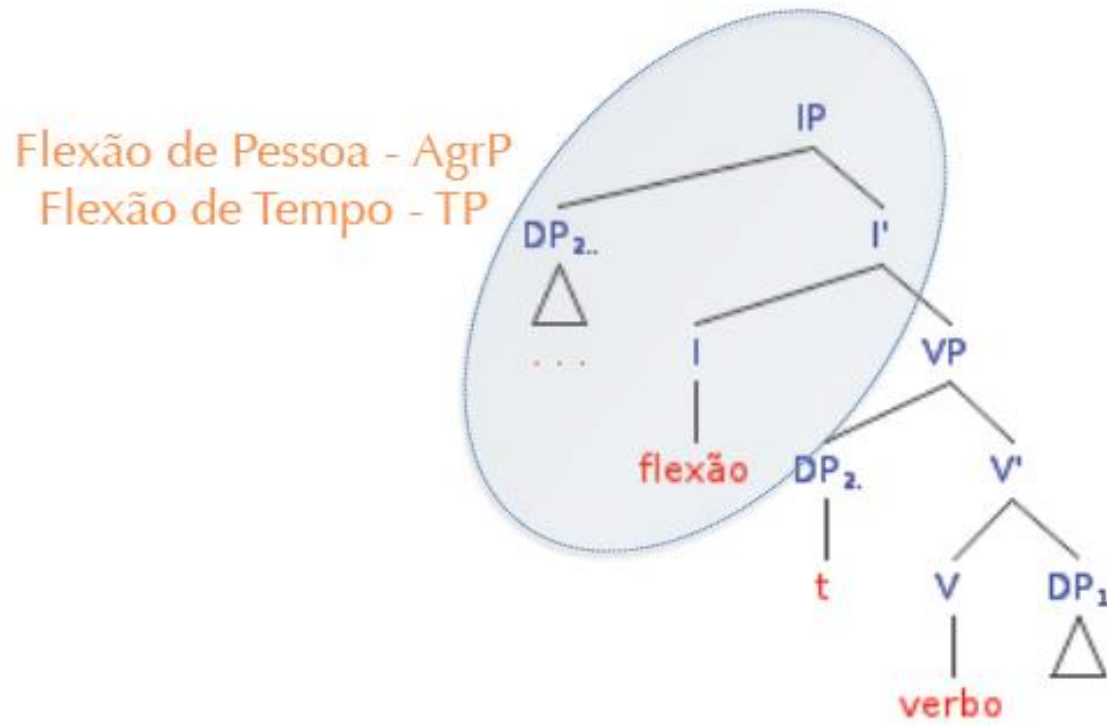
4. Outras projeções estruturais - ou: Sub-codificações dos núcleos funcionais principais

4.1 Possíveis detalhamentos da “periferia esquerda” – posições para tópicos e focos (cf. Floresta, 132-138)

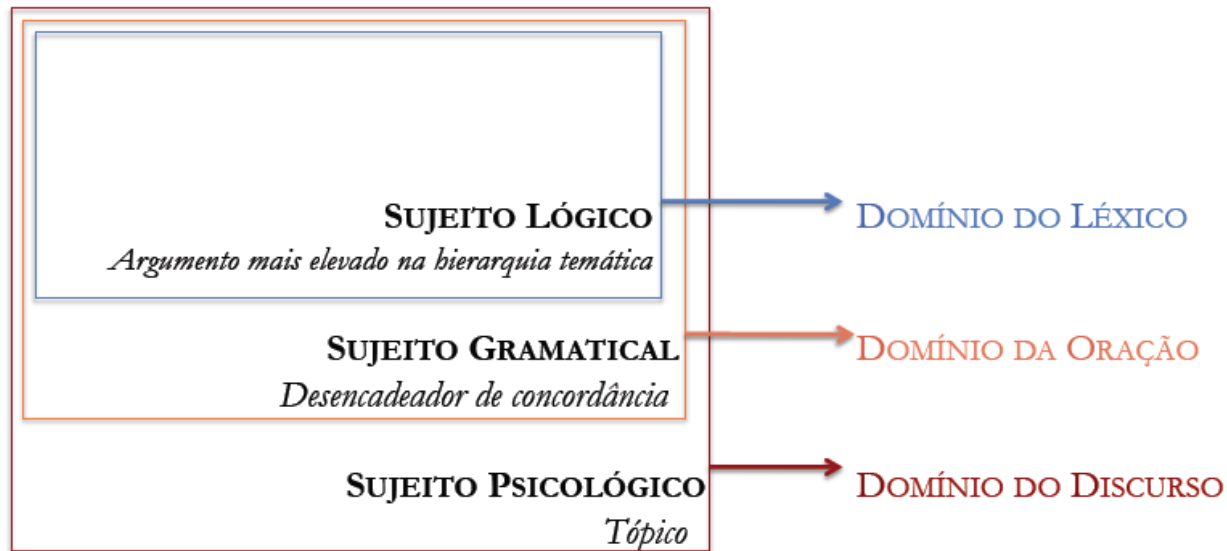
Topicalização- TopP  
 Focalização- FP



4.2 Possíveis detalhamentos da flexão (cf. Floresta, 139)



## 5. E voltando ao começo...



O “Sujeito”, o “Sujeito” e o “Sujeito”:

Discussão de exemplos [também cf. Slides: FLC0277\_slides\_II]

Para observar as propriedades discursivas do sujeito

- 1) Por falar em jóias, você tem um frango na geladeira?
- 2) Minha mãe, tudo beleza
- 3) Essa minha barriga, só jejum
- 4) Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira
- 5) Frutas, eu adoro melão
- 6) Fotografia, o papel está muito caro
- 7) Namoro, menina nova só faz besteira
  
- 8) O João, ouvi dizer que ele tinha ido passar férias a Honolulu

- 9) A Maria, encontrei aquele amigo dela que faz cinema
- 10) O Pedro, os miúdos vieram com ele da escola
- 11) A Rosa, eu falei com ela ontem
- 12) O Ricardo, eu cheguei pra ele e fiz uma pergunta
- 13) Umhas carabinas que guardava atrás do guarda-roupa, a gente brincava com elas, de tão imprestáveis

Para observar as propriedades sintáticas do sujeito:

- 1) O gato arranhou esse canário
- 2) Esse canário foi arranhado pelo gato
- 3) Esse canário foi arranhado
- 4) Foi arranhado pelo gato
- 5) Arranhou o canário
- 6) Arranharam o canário
- 7) Esse canário, o gato arranhou ele várias vezes
- 8) O João leu esse livro
- 9) Este livro foi lido pelo João
- 10) Esse livro foi lido
- 11) Foi lido pelo João
- 12) O João, esse livro foi lido por ele com muito sacrifício
  
- 13) Apareceram uns gatos malvados
- 14) Cairam os livros
  
- 15) Aquecimento global engorda baleias
- 16) O João teme os abraços desse amigo
- 17) Os abraços desse amigo assustam o João
- 18) A vítima do assalto morreu
- 19) As flores murcharam
- 20) Essa mulher rejuvenesceu
- 21) As encomendas chegaram
- 22) Os meninos caíram

Para observar as propriedades lógicas do sujeito:

- 23) O calor derreteu a manteiga / A manteiga derreteu
- 24) O fogo queimou a cortina / A cortina queimou
- 25) O João quebrou o copo / O copo quebrou
- 26) O Governo mudou as regras / As regras mudaram
- 27) Papai ligou o carro / O carro não ligou
  
- 28) A minha avó vai operar amanhã.
- 29) Cuidado! Senão você atropela.
- 30) Espera um pouco que o café tá fazendo
- 31) Foi horrível. Eu pensei que a gente ia sugar

E para observar mais propriedades sintáticas do sujeito...

- 32) Os fazendeiros tinham matado o patinho / Os gatos tinham arranhado o canário
- 33) Os meninos vão quebrar o vaso!
- 34) Esses vasos vão quebrar! / Os patinhos vão morrer! / Esses cubos de gelo vão derreter!
  
- 35) Vão matar o patinho! / Vão quebrar esse vaso.
- 36) Tinham matado o patinho / Tinham arranhado o canário.
  
- 37) As moças ficaram chateadas... Os patinhos eram tão bonitinhos
  
- 38) O João viu a Maria beijar o Pedro.
- 39) O João viu-a beijar o Pedro.
- 40) O João me viu beijar o Pedro

- 41) O João beijou o Pedro e fugiu.
- 42) O João beijou o Pedro e gostou.
- 43) O João beijou o Pedro e ele gostou.
- 44) Beijou o Pedro e gostou.
- 45) Beijou o Pedro e ele gostou.
- 46) O Paulo disse que o João ia beijar o Pedro
- 47) O Paulo disse que ia beijar o Pedro
- 48) Disse que ia beijar o Pedro
- 49) Disse que ia beijar